

# as bruxas de pendle

stacey halls

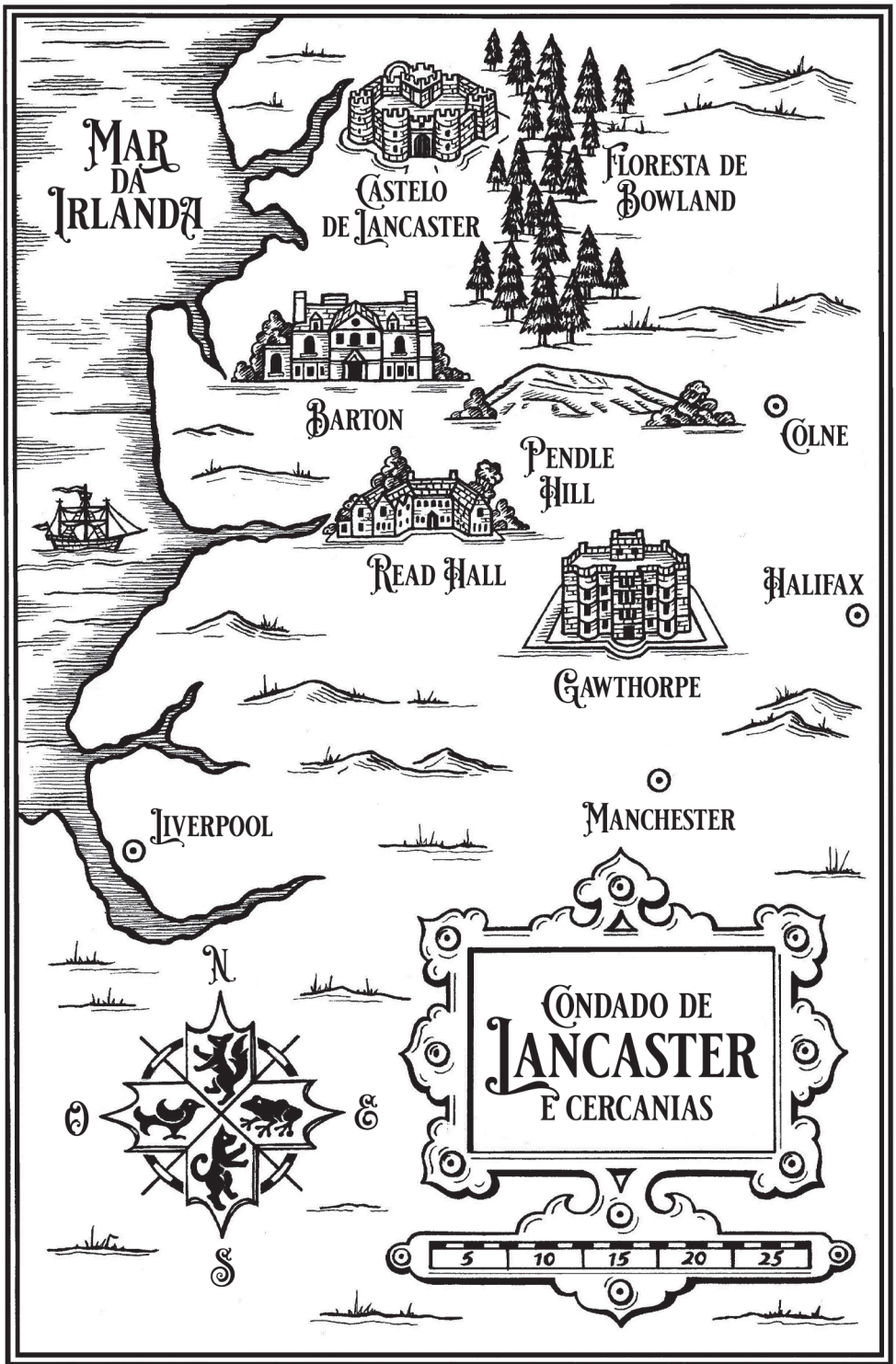
Tradução de José Remelhe



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

PARA O MEU MARIDO







## PRIMEIRA PARTE



CONDADO DE LANCASTER (ATUALMENTE LANCASHIRE),  
INÍCIOS DE ABRIL DE 1612

Tratai-a bem, caso contrário ela deixará de obedecer  
às vossas ordens e vos obrigará a segui-la.

*The Book of Falconry or Hawking,*  
George Turberville, 1543-1597

Ponderação e Justiça  
*Lema da família Shuttleworth*



## CAPÍTULO I



Saí de casa com a carta porque não sabia que outra coisa fazer. O relvado estava húmido do orvalho matinal e encharcou os meus chinelos de seda cor-de-rosa preferidos, pois, com a pressa, esquecera-me de calçar os tamancos. Porém, só parei quando cheguei às árvores sobranceiras aos relvados defronte da casa. Tinha a carta amarrotada na mão e abria outra vez para ter a certeza de que não imaginara, de que não adormecera na cadeira e que tudo não passava de um sonho.

Estava uma manhã fria e brumosa, o vento a soprar de Pendle Hill, e, embora tivesse a mente num turbilhão, não me esquecera de pegar no meu capote que estava ao fundo do guarda-vestidos. Afagara *Puck* mecanicamente e ficara agradada ao perceber que não tinha as mãos a tremer. Não chorara, não desmaiara nem fizera outra coisa a não ser dobrar a carta que acabara de ler, deixando-a na sua forma original, e descer as escadas sem fazer barulho. Ninguém dera por mim e o único criado que vira fora James, de relance, sentado à secretária, ao passar pelo seu gabinete. Passara-me pela cabeça que ele pudesse ter lido a carta, pois é costume os mordomos abrirem a correspondência privada dos patrões, mas pusera a ideia de lado e saíra pela porta da frente.

As nuvens eram da cor das jarras de estanho e ameaçavam verter por cima de mim, por isso desatara a correr pela relva em direção aos bosques. Sabia que, com o meu capote preto, no meio dos campos, seria facilmente avistada pelos olhares indiscretos da criadagem à janela e eu precisava de pensar. Nesta zona de Lancashire, as terras são verdes e húmidas, o céu vasto e pardacento. De vez em quando, avista-se fugazmente a pelugem avermelhada de um veado, ou o pescoço azul de um faisão, e o nosso olhar é atraído mais depressa do que eles conseguem fugir.



Antes de chegar ao abrigo das árvores, já sabia que ia ficar outra vez enjoada. Levantei a beira da saia para a relva não a salpicar e depois limpei a boca com o lenço. Richard pedira às lavadeiras para o borrifar com água de rosas. Fechei os olhos e inalei profundamente várias vezes e, quando os abri, senti-me um pouco melhor. As árvores estremeciam e os pássaros chilreavam alegremente conforme me embrenhei mais no bosque e, menos de um minuto depois, já não via Gawthorpe. A casa chamava tanto as atenções como eu por estas bandas, edificada em pedra castanha e assente numa clareira. Porém, embora a casa não me pudesse impedir de ir ao bosque, que parecia estar cada vez mais perto e podia ser visto de todas as janelas, o bosque podia esconder-me de Gawthorpe. Por vezes, parecia que estavam a brincar um com o outro.

Peguei na carta e abria-a outra vez, alisando os vincos que se haviam formado no meu punho cerrado, e procurei o parágrafo que me deixara com a cabeça à roda:

*Poderá perceber facilmente a verdadeira natureza do perigo em que a sua consorte tem estado e é com muita mágoa que o informo da minha opinião profissional de médico e especialista na área da parturição: que depois de a visitar na sexta-feira passada, cheguei à profundamente lamentável conclusão de que ela não pode nem deve engravidar. É extremamente importante que compreenda que, se ela engravidar outra vez, não sobreviverá e que a sua vida terrena terá um fim.*

Agora que já ninguém me podia ver a partir da casa, podia reagir com alguma privacidade. Tinha o coração a bater, furioso, e a cara a arder. Senti outra vaga de náuseas e quase asfixiei quando o vômito me queimou a língua.

Os enjoos assolavam-me de manhã, ao meio-dia e à noite, virando-me as tripas do avesso. No máximo, acontecia quarenta vezes por dia; era uma sorte quando acontecia só duas. Os vasos capilares rebentaram na minha cara, formando delicados caules carmesim à volta dos meus olhos, cujos brancos assumiram um tom vermelho demoníaco. O sabor pavoroso na garganta perduraria durante horas, afiado e sufocante como o gume de um punhal. Eu não conseguia reter os alimentos na barriga. Também não tinha apetite algum, para desapontamento da cozinheira. Até o maçapão, de que tanto gostava, estava intocado na despensa, e as minhas caixas de doces enviadas de Londres estavam a ganhar pó.

Das outras três vezes, não tivera enjoos tão fortes. Desta vez, parecia-me que a criança que carregava no ventre estava a tentar sair-me pela boca e não por entre as pernas, como as outras, que tinham anunciado a sua chegada prematura com rios vermelhos que me escorreram pelas coxas. As suas pequenas formas frouxas eram grotescas e eu vira-as serem embrulhadas em lençóis, como se fossem pães acabados de sair do forno.

— Não viveu muito neste mundo, o pequerrucho — dissera a última parteira enquanto limpava o meu sangue dos seus braços de açougueiro.

Casada há quatro anos, grávida três vezes e ainda sem um herdeiro para deitar no berço de carvalho que a mãe me deu quando casei com Richard. Eu percebia a maneira como ela olhava para mim, como se eu os estivesse a desiludir a todos.

Não obstante, custava-me a crer que Richard soubesse do diagnóstico do médico e me tivesse deixado engordar como um peru no Natal. A carta estava no meio de variegada documentação referente aos meus três partos, pelo que é possível que lhe tenha passado despercebida. Ele estaria a proteger-me ao escondê-la de mim? De repente, as palavras pareceram saltar da folha e agarrar-se ao meu pescoço. Além disso, tinham sido escritas por um homem cujo nome não reconheci, tão contorcida de dores estava quando ele me veio ver que nem conseguia lembrar-me do mais ínfimo pormenor dele: do seu toque, da sua voz, ou se era simpático.

Eu não parara para recuperar o fôlego e agora tinha os chinelos estragados, encharcados em lama esverdeada. Quando um ficou preso na lama, fazendo-me pousar o pé com a meia no chão molhado, foi de mais para mim. Amarrotei a carta com as duas mãos e arremessei-a o mais longe que consegui, colhendo um instante de satisfação quando ressaltou numa árvore a vários metros de distância.

Se não tivesse feito aquilo, não teria visto a pata de coelho a alguns centímetros de onde a carta foi cair, nem o coelho ao qual aquela pertencia – ou pelo menos aquilo que restava dele: uma amálgama de pelo e sangue, depois outra, e outra. Eu caçava coelhos; estes não tinham sido vítimas de uma morte metódica perpetrada por um açor ou por um falcão antes de fazer um círculo e voltar para junto do seu dono. Depois reparei noutra coisa: na bainha de uma saia castanha a roçar o chão, uns joelhos dobrados, e, por cima deles, um corpo, uma cara, uma touca branca. A alguns metros, estava uma jovem mulher ajoelhada, a fitar-me. Todo o seu âmago estava alerta com uma tensão animalesca. Era andrajosa, envergando uma camisa de lã de fabrico caseiro sem saia de corpo inteiro, motivo pelo qual eu não a

vira de imediato no meio de todo o verde e castanho. Uns cabelos da cor do linho caíam-lhe aos cachos por debaixo da touca. Tinha o rosto oblongo, os olhos grandes de uma cor invulgar, mesmo de longe: um dourado quente, como moedas novas. O seu olhar tinha algo de intensamente inteligente, quase masculino, e embora estivesse agachada e eu de pé, por instantes, senti medo, como se tivesse sido eu a ser descoberta.

Ela tinha outro coelho a balançar nas mãos, um olho fixo em mim, sem pestanejar. O pelo estava manchado de vermelho. No chão, ao lado da saia da mulher, um saco áspero, aberto. Ela pôs-se de pé. As folhas e ervas à nossa volta roçagaram com a brisa, mas ela manteve-se completamente imóvel, a expressão inescrutável. Apenas o animal morto se mexeu, balouçando um pouco.

— Quem és tu? — perguntei. — O que estás a fazer aqui?

Ela começou a meter os animais mortos no saco. A minha carta amarrotada jazia, lívida e reluzente, no meio do massacre, e ela fez um compasso de espera quando a viu, os seus dedos compridos a pairar, manchados de sangue vermelho.

— Dá cá isso — ordenei.

Ela pegou na folha amarrotada e estendeu-ma. Eu dei uns passos rápidos e arranquei-lha da mão. Aqueles olhos dourados não se desviaram da minha cara e eu pensei que um desconhecido nunca olhara para mim com tanta atenção. Por instantes, pensei na minha aparência, sem calçado próprio para estar fora de casa e o meu chinelo caído no chão. Não tinha dúvidas de estar afogueada por causa do vômito e os brancos dos olhos deveriam estar raiados de vermelho. O ácido que tinha na boca tornou-me a língua acutilante.

— Como te chamas?

Ela não respondeu.

— És uma pedinte?

Ela abanou a cabeça.

— Esta terra é minha. Andas a roubar coelhos da minha terra?

— A terra é *tua*?

A voz dela quebrou a invulgaridade da situação como uma pedrinha atirada para um charco. Ela era apenas uma rapariga vulgar da aldeia.

— Chamo-me Fleetwood Shuttleworth e sou a senhora de Gawthorpe Hall. Esta terra pertence ao meu marido; se és de Padiham deverias saber isso.

— Não sou — disse, tão-só.

— Sabes qual é o castigo por caçar em terra alheia?

Ela observou o meu capote preto e grosso, o meu vestido de tafetá cúprico a espreitar por debaixo. Eu sabia que tinha a pele sem brilho; o meu cabelo preto tornava-a descorada e eu não queria que uma desconhecida me lembrasse disso. Pareceu-me que eu era mais nova do que ela, mas não consegui ter a certeza da sua idade. O seu vestido encardido parecia não ser escovado ou arejado há meses e a touca era da cor da lã de carneiro. Então, os nossos olhares cruzaram-se, e ela fitou-me, um olhar firme e altivo. Eu franzi o cenho e levantei o queixo. Com um metro e meio, toda a gente que eu conhecia era mais alta do que eu, mas não me deixava intimidar com facilidade.

— O meu marido amarraria as tuas mãos ao cavalo dele e arrastar-te-ia até ao juiz — disse eu, mais arrojada do que me sentia. Como ela não reagiu, o único barulho as árvores a silvar e a abanar, perguntei outra vez: — És uma pedinte?

— Não sou ninguém. — Estendeu-me o saco. — Fica com eles. Eu não sabia que esta terra te pertence.

Foi uma resposta estranha e eu não saberia o que dizer a Richard. Depois, lembrei-me da carta que tinha na mão. Apertei-a com força.

— Como foi que os mataste?

Ela bufou pelo nariz.

— Eu não os matei. Eles foram mortos.

— Que maneira esquisita de falar tu tens. Como te chamas?

Eu mal terminara a frase quando, num lampejo de dourado e castanho, ela rodou sobre os calcanhares e desatou a correr pelo meio das árvores. A touca branca borboletou por entre os troncos, o saco a ressaltar na saia. Os seus pés bateram com baques na terra, velozes e ágeis como os de um animal, até que o bosque a engoliu inteira.

## CAPÍTULO 2



O barulho no cinto de Richard anunciava-o aonde quer que fosse. Acho que aquilo o fazia sentir-se poderoso – ouvia-se o tilintar do dinheiro antes de ele aparecer. Agora, ao ouvir o habitual tinido e os seus passos com as botas de couro de cabrito nas escadas, respirei fundo e sacudi alguma poeira imaginada do casaco. Levantei-me quando ele entrou na sala, animado e tonificado de uma viagem de negócios a Manchester. O seu brinco de ouro reluziu; os seus olhos cinzentos cintilaram.

— Fleetwood — saudou-me, segurando-me a cabeça entre as mãos.

Mordi o lábio no sítio onde ele o beijou. Será que eu conseguiria falar? Estávamos no quarto de vestir, onde ele sabia que me encontraria. Embora fôssemos os primeiros habitantes de Gawthorpe, era a única divisão que eu sentia como sendo mesmo minha. Eu achara muito moderno o facto do tio de Richard, que desenhara a planta da casa, ter pensado em incluir uma divisão só para vestir, quando ele não tinha mulher. É claro que, se as mulheres desenhassem casas, os quartos de vestir seriam incluídos na planta com a mesma importância da cozinha. Sendo eu oriunda da minha casa de pedra da cor do carvão debaixo de céus cinzentos, Gawthorpe, com a sua cor viva e quente, como se estivesse sempre debaixo do sol, e os três andares de janelas luzentes, radiosa como as joias da coroa, e a torre ao centro, fizera-me sentir mais como uma princesa do que como uma dona de casa. Richard conduzira-me pelo labirinto de divisões, e todo o estuque acabado de aplicar, envidraçados reluzentes e pequenas passagens apinhadas de decoradores, criados e marceneiros tinham-me deixado zozna. Cuidei de ficar na parte de cima da casa, longe de toda a gente. Se tivesse um bebé nos braços ou um filho para levar a tomar o pequeno-almoço lá em baixo, talvez pensasse de maneira diferente, mas, enquanto não tinha, cingia-me

aos meus aposentos e ao meu quarto de vestir, com a sua vista agradável para o impetuoso rio Calder e Pendle Hill.

— Outra vez na conversa com as tuas roupas? — disse ele.

— São as minhas fiéis amigas.

*Puck*, o meu enorme mastim francês, levantou-se do tapete turco, a espreguiçar-se e a bocejar, deixando ver umas mandíbulas tão grandes que a minha cabeça caberia lá dentro.

— Meu temível animal — disse Richard, aproximando-se do cão para se ajoelhar à beira dele. — Não serás o único objeto do nosso carinho durante muito mais tempo. Em breve, terás de o partilhar. — Suspirou e ajoelhou-se, fatigado da longa viagem. — Sentes-te bem? E repousada?

Eu assenti, enfiando uma madeixa de cabelo solta debaixo da touca. Ultimamente, caíam-me enormes tufos pretos quando me penteava.

— Estás incomodada. Tu não... Não estás...

— Estou bem.

*A carta. Pergunta-lhe sobre a carta.* As palavras ficaram-me presas na garganta, uma flecha pronta a lançar de um arco, mas o rosto carinhoso dele revelou apenas alívio. Olhei-o nos olhos tempo de mais, ciente de que a minha oportunidade de lhe fazer a pergunta estava a passar, a escorrer-me pelo meio dos dedos como areia.

— Bem, Manchester foi um sucesso. O James acha sempre que deve acompanhar-me nestas viagens, mas eu saio-me igualmente bem sozinho. Talvez fique exasperado apenas porque eu me esqueço de tomar nota das despesas; eu já lhe disse que as guardo tão bem na cabeça como no bolso do casaco. — Fez um compasso de espera, ignorando *Puck*, que o estava a farejar. — Estás muito calada.

— Richard, hoje li a correspondência da parteira. E do médico que assistiu ao último parto.

— A propósito...

Meteu a mão nas profundezas do seu gibão aveludado de cor esmeralda, a expressão alegre com um entusiasmo pueril. Eu esperei e, quando tirou a mão, largou na minha um objeto estranho. Era uma pequena espada de prata, comprida como um abre-cartas, com um punho dourado e reluzente. Porém, a ponta era romba e tinha pequenas esferas a todo o comprimento dependuradas em pequenos ganchos. Virei-a na palma da mão e fez um tinido agradável.

— É um guizo. — Estava radiante, abanando-o de maneira a tilintar como os cavalos fazem ao parar. — São sinos, vê. É para o nosso filho.

Nem sequer se esforçou por esconder a ânsia na voz. Pensei na gaveta que mantinha trancada à chave num dos quartos. Lá dentro havia meia dúzia de coisas que ele comprara das outras vezes – uma bolsa de seda com as nossas iniciais, um cavalo de marfim que cabia na palma da mão. Na galeria comprida, havia uma armadura que ele comprara para comemorar a primeira vez que a minha barriga crescera. A sua convicção de que teríamos um filho era inequívoca e forte como um curso de água, mesmo quando estava a vender lã em Preston e passara por um comerciante que vendia miniaturas de animais, ou quando estava com o nosso alfaiate e vira um pedaço de seda exatamente da cor das pérolas de ostra. No caso do último, apenas ele soube se era menino ou menina, e eu não perguntei, porque eu ainda não era uma mãe. Todos os presentes que ele me dava eram um lembrete do meu fracasso e eu tinha vontade de os queimar todos e ver o fumo subir pela chaminé e dissipar-se no céu. Pensei em onde estaria sem o meu marido e o coração encheu-se-me de mágoa, pois ele dera-me alegria, e eu retribuía apenas com três ausências, as suas almas extintas com a mais ténue das brisas.

Fiz mais uma tentativa.

— Richard, há alguma coisa que me queiras dizer?

O brinco de Richard reluziu enquanto olhou para mim, pensativo. *Puck* bocejou e deitou-se no tapete. Num piso distante mais abaixo, uma voz grave chamou o nome de Richard.

— O Roger está lá em baixo — disse. — Tenho de ir ter com ele.

Pousei o guizo na cadeira, ansiosa por me livrar dele e, curioso, *Puck* foi farejá-lo.

— Então eu também desço.

— Só vim cá acima para me vestir; vamos à caça.

— Mas passaste a manhã inteira a andar a cavalo.

Ele sorriu.

— Caçar não é o mesmo que *andar a cavalo*, é caçar.

— Então eu vou contigo.

— Sentes-te apta?

Eu sorri e virei-me para as minhas roupas.

— Fleetwood Shuttleworth! Meu Deus, vejam só como está pálida! — A voz de Roger retumbou pelo picadeiro. — Está mais branca do que um floco de neve, mas muito mais bonita. Richard, não dá de comer à sua mulher?

— Roger Nowell, o senhor sabe como fazer uma mulher sentir-se especial. — Sorri, montando o meu cavalo.

— Está vestida para caçar. Já concluiu todas as suas tarefas femininas da manhã?

A voz dele fez-se ouvir em todos os recantos do picadeiro, montado no seu cavalo, alto e de ombros largos, uma sobrançelha grisalha soerguida em jeito de interrogação.

— Vim para passar tempo com o meu juiz predileto.

Passei com o meu cavalo pelo meio dos deles. Roger Nowell era boa companhia e admito que me sentia um pouco fascinada por ele, não tendo um pai para termo de comparação. Ele tinha idade para ser meu pai ou de Richard – até mesmo avô – e como os nossos há muito tinham morrido, tornara-se nosso amigo quando Richard herdara Gawthorpe. No nosso segundo dia aqui, ele viera no seu cavalo com três faisões e passara a tarde inteira connosco, explicando as características da região e da sua população. Nós éramos recém-chegados a esta parte de Lancashire, com as suas colinas ondulantes, florestas sombrias e pessoas estranhas, e ele era um poço de conhecimento. Conhecido do tio de Richard, há muito falecido, que fora juiz presidente de Chester e providenciara a ligação mais próxima que a família jamais tivera com a Coroa, Roger conhecia os Shuttleworths há anos e acomodara-se na nossa casa como uma peça de mobiliário herdada. Mas eu simpatizara com ele desde o primeiro momento que o vira. Como uma vela, ele ardia com intensidade, e o seu estado de espírito tremulava com facilidade de um momento para o outro, levando calor e conhecimento aonde quer que fosse.

— Notícias do palácio: é possível que o rei tenha, finalmente, encontrado um pretendente para a filha — anunciou Roger.

Quando nos ouviram, os cães de caça no canil ficaram descontrolados e, depois de os soltarem, aglomeraram-se a arfar à volta das patas dos cavalos.

— Quem?

— Frederico Quinto, conde palatino do Reno, que virá este ano a Inglaterra e, espera-se, porá cobro ao desfile de bobos da corte a almejar a mão da princesa.

— O senhor irá ao casamento? — indaguei.

— Espero que sim. Será o mais pomposo a que o reino assistiu em muitos anos.

— Gostaria de saber que tipo de vestido ela irá usar — pensei em voz alta.

Roger não me ouviu por causa dos cães a ladrar e Richard saiu do



picadeiro para dar início à caçada. Com os cães presos pela trela, percebi que as presas seriam veados e desejei ter-me informado de antemão. Um veado prestes a ser caçado não era bonito de se ver, com a armação a agitar-se e os olhos a revirar; eu preferiria qualquer outra presa. Pensei em voltar para trás, mas já estávamos na floresta, por isso instiguei o cavalo em frente. O aprendiz, Edmund, encarregou-se do comando dos cães, seguindo ao seu lado a cavalo. Ao passarmos pelo meio das árvores, ouvi fragmentos da sua conversa dissimulada e segui em silêncio atrás deles, meio atenta. Veio-me à ideia uma imagem do dia anterior: sangue derramado, olhos vidrados e a estranha mulher de cabelos dourados.

— Richard — interrompi. — Ontem vi um intruso nas nossas terras.

— O quê? Onde?

— Algures a sul da casa, nos bosques.

— Porque é que o James não me disse?

— Porque eu também não lhe disse.

— *Tu* viste-o? O que andavas a fazer?

— Fui... dar uma caminhada.

— Já te disse para não saíres sozinha; poderias perder-te ou tropeçar e... magoar-te.

Roger estava a ouvir.

— Eu estou *bem*, Richard. E não foi um homem, mas uma mulher.

— O que é que ela estava a fazer? Andava perdida?

Foi quando compreendi que não lhe poderia falar dos coelhos, porque não tinha palavras para descrever aquilo que vira.

— Sim — acabei por dizer.

Roger estava divertido.

— Tem uma imaginação fértil, Fleetwood. Deixou-nos pensar que foi atacada por um selvagem nos bosques quando, na verdade, foi apenas uma mulher perdida?

— Sim — repeti, sem entusiasmo.

— Contudo, mesmo isso pode ser perigoso. Sabem o que aconteceu ao vendedor ambulante John Law em Colne?

— Não.

— Roger, não precisa de a assustar com histórias de bruxaria. Ela já tem pesadelos.

Fiquei boquiaberta e ruborizada. Era a primeira vez que Richard falava a alguém sobre O Pesadelo e nunca pensei que ele fosse capaz de fazer isso, mas ele seguiu em frente, a pena do chapéu a tremer.

— Conte lá, Roger.

— Uma mulher que viaja sozinha nem sempre é tão inocente como parece, que foi o que o John Law ficou a saber e nunca esquecerá enquanto for vivo, o que poderá não ser muito mais tempo, o Senhor tenha misericórdia. — Roger recostou-se na sela. — Há dois dias, o filho dele, Abraham, foi procurar-me a Read Hall.

— Eu conheço-o?

— Não, porque ele é um tintureiro de Halifax. Olhando ao ofício do pai, o rapaz saiu-se bem na vida.

— E ele encontrou uma bruxa?

— Não, *ouça*.

Eu suspirei e arrependi-me de ir com eles. Preferia estar sentada no salão com o meu cão.

— O John seguia pelo caminho dos fardos de lã em Colnefield quando se cruzou com uma jovem. Uma pedinte, pensou. Ela perguntou-lhe se ele lhe poderia dar alguns alfinetes, e quando ele disse que não — fez uma pausa dramática — ela amaldiçoou-o. Ele virou-lhe costas e, quando se apercebeu, ela estava a murmurar nas costas dele, como se estivesse a falar com alguém, o que lhe causou um arrepio na espinha. De início, pensou que era o vento, mas olhou para trás e viu os olhos escuros dela fixos nele, e tinha os lábios a mexer. Começou a caminhar mais depressa e, a menos de trinta metros dali, ouviu alguma coisa a correr e depois um vulto enorme como um cão preto começou a atacá-lo, mordendo-o todo, e caiu ao chão.

— Um vulto *como* um cão preto? — perguntou Richard. — Há pouco disse que *era* um cão preto.

Roger ignorou-o.

— Ele levou as mãos à cara e suplicou por misericórdia. Depois, quando abriu os olhos, o cão desaparecera. Nem sinal dele nem da rapariga esquisita. Alguém foi dar com ele no caminho e ajudou-o a ir até uma estalagem ali perto, mas ele mal se conseguia mexer. Ou falar. Tinha um dos olhos fechados para o mundo e a cara descaída de um dos lados. Pernoitou na estalagem, mas na manhã seguinte a rapariga apareceu outra vez, toda afoita, e pediu-lhe desculpa. Disse que não controlou a sua obra, mas reconheceu que o amaldiçoou.

— Ela confessou? — Lembrei-me da rapariga do dia anterior. — Como era ela?

— Como uma bruxa. Muito magra e desmazelada, os cabelos pretos

e a cara sinistra. A mãe dizia que nunca devemos confiar numa pessoa de cabelos pretos porque geralmente têm a alma negra a condizer.

— *Eu* tenho cabelos pretos.

— Quer ouvir a minha história?

Quando eu era criança, a mãe costumava ameaçar-me de coser-me a boca. Ela e a mãe de Roger teriam muitos temas de conversa.

— Desculpe — disse eu. — O homem está melhor?

— Não, e poderá nunca recuperar — respondeu Roger, muito sério. — Isso já é preocupante por si só, mas há outra coisa que me preocupa mais: o cão. Enquanto andar em liberdade por Pendle, ninguém está em segurança.

Richard brindou-me com um olhar divertido e incrédulo, continuando em frente para prosseguir a caçada. A ideia do animal não me assustou, afinal de contas, eu tinha um mastim do tamanho de uma mula, mas antes de conseguir salientar isso, Roger recomeçou.

— Na estalagem, algumas noites depois do sucedido, o John Law acordou com o barulho de alguma coisa a respirar por cima dele. O enorme animal estava de pé ao lado da cama dele, do tamanho de um lobo, os dentes arreganhados e os olhos ígneos. Ele sabia que se tratava de um espírito: não pertencia a este mundo. Dá para perceber o seu terror: um homem que não se pode mexer nem falar, apenas gemer. Então, quem é que, logo de seguida, haveria de aparecer ao lado da cama dele se não a bruxa em carne e osso?

Fiquei toda arrepiada.

— Quer dizer que o animal se transformou na mulher?

— Não, Fleetwood. Não sabe o que são espíritos familiares? — Eu abanei a cabeça. — Nesse caso, recomendo-lhe o livro do Levítico. Em suma, é o Diabo disfarçado. Um instrumento, por assim dizer, para ampliar o seu reino. O espírito desta rapariga é um cão, mas eles podem assumir qualquer forma: um animal, uma criança. O espírito aparece-lhe quando ela precisa dele para obedecer às suas ordens, e a semana passada ela invocou-o para o debilitado John Law. Um espírito familiar é um sinal inequívoco de uma bruxa.

— E o senhor viu-o?

— Claro que não. As criaturas do Diabo raramente assomam aos olhos dos homens tementes a Deus. Apenas aqueles de crenças questionáveis conseguem pressentir a sua presença. A fraca moral é onde prosperam.

— Mas o John Law viu-o; o senhor disse que ele é um bom homem.

Roger ignorou-me com um menear da mão, impaciente. — Perdemos

o Richard de vista; ele não ficará satisfeito por eu estar a falar sobre mexericos com a sua mulher. É isto que acontece quando as mulheres vêm à caça.

Eu não lhe disse que estava apenas a fazer-lhe a vontade. Se Roger tinha uma história, queria que a ouvissem. Partimos a galope e abrandámos quando avistámos os demais. Estávamos bastante longe de Gawthorpe e, agora que aqui estava, não me agradava a ideia de uma tarde inteira a andar a cavalo.

— Onde está a rapariga? — indaguei, enquanto íamos ficando outra vez para trás. Roger segurou melhor as rédeas.

— Ela chama-se Alison Device. Está à minha guarda em Read Hall.

— Em sua *casa*? Porque não a meteu numa prisão em Lancaster?

— Ela não é perigosa no sítio onde está. Não há nada que possa fazer, não se atreveria. Além disso, está a ajudar-me numa investigação.

— Que tipo de investigação?

— Com a breca, a senhora faz muitas perguntas, não faz, Senhora Shuttleworth? Quer matar a presa com *conversa*? A Alison Device pertence a uma família de bruxas; ela própria mo disse. A mãe dela, a avó, até o irmão, praticam magia ou feitiçaria, a poucos quilómetros daqui. Também recai uma acusação de homicídio por feitiçaria sobre os semelhantes dela, um dos quais reside em terras pertencentes aos Shuttleworths. Por isso pensei que ali o seu marido estivesse ao corrente do assunto.

Fez sinal com a cabeça para a vastidão de verdura à nossa frente. Edmund, Richard e os cães tinham desaparecido de vista outra vez.

— Mas como sabe que ela está a dizer a verdade? Porque é que ela traiu a sua família? Ela deve saber o que significa ser uma bruxa, é morte certa.

— Sei tanto como a senhora — disse Roger, tão-só, embora eu tenha percebido que havia mais. Quando queria, ele podia ser assertivo e intimidante; eu já assistira a isso com a mulher dele, Katherine, que era uma mulher do tipo tolerante. — E os homicídios que ela alega que a família cometeu aconteceram.

— Eles *mataram*?

— Várias vezes. Ninguém desejaria cruzar-se com um Device. Não tema, minha filha. A Alison Device está em boas mãos e eu vou interrogar a família dela amanhã ou depois. Terei de informar o rei, é claro. — Suspirou, como se isso fosse um entrave. — De certeza que ele ficará agradado por o saber.

— E se eles fogem? Como os encontrará?

— Eles não fogem. Eu tenho informadores por toda a zona de Pendle, a senhora sabe isso. Poucas coisas escapam a um xerife principal.

— Antigo xerife principal — trocei. — Quantos anos é que ela tem? A rapariga do cão?

— Ela não sabe, mas eu diria que tem cerca de dezassete.

— Como eu. — Depois de alguns instantes de reflexão em silêncio, voltei a falar. — Roger, confia no Richard?

Ele soergueu uma sobrancelha farfalhada.

— Confiar-lhe-ia a própria vida. Ou o que resta dela, pois já sou um velho, com a família crescida e os melhores tempos da minha carreira profissional para trás, infelizmente. Porque pergunta?

Eu escondera a carta do médico no bolso, por debaixo da roupa de montar, e a folha batia nas minhas costelas como se fosse um segundo coração.

— Por nada.